



## METÁFORAS CONCEPTUAIS: EVIDÊNCIAS, CONTROVÉRSIAS E NOVOS RUMOS



## CONCEPTUAL METAPHORS: EVIDENCE, CONTROVERSIES, AND A NEW OUTLOOK

JOSIE HELEN SIMAN

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA  
RECEBIDO EM 19/10/2020 • APROVADO EM 07/12/2020

---

### Abstract

The purpose of this review is to present and discuss some relevant aspects of the book **Metaphor Wars: conceptual metaphors in human life**, by Raymond Gibbs. It is an important work for scholars who study metaphors, because it reviews a large number and a variety of research on Conceptual Metaphor Theory, in addition to addressing the criticism and disputes that take place in the context of the cognitive studies on conceptual metaphors. Moreover, the author points out new theoretical pathways for the theory: from the perspective of dynamic systems, conceptual metaphors are not fixed; they are the result of multiple factors that self-organize at different time scales. In other words, conceptual metaphors are cognitive biases, not immutable representations. When considering the general relationships between metaphors and cognition in this theoretical scope, no aspect of human experience is a priori excluded, which is something important, however, scientifically challenging.

---

### Resumo

O objetivo desta resenha é apresentar e discutir alguns aspectos relevantes do livro **Metaphor Wars: conceptual metaphors in human life**, de Raymond Gibbs. Trata-se de uma obra importante para pesquisadores que estudam

metáforas, porque revisa um grande número e variedade de trabalhos sobre a Teoria da Metáfora Conceptual, além de abordar as críticas e disputas que se desenvolvem no contexto dos estudos cognitivos sobre metáforas conceptuais. Além disso, o autor também aponta novos caminhos teóricos para a teoria: da perspectiva das abordagens dinâmicas, as metáforas conceptuais não são fixas; são resultados de múltiplos fatores que se auto-organizam em escalas de tempo diferentes. Dito de outra forma, as metáforas conceptuais são vieses cognitivos, não representações imutáveis. Ao se pensar nas organizações gerais das metáforas e da cognição neste escopo teórico, nenhum aspecto da experiência humana está a priori excluído, o que é algo importante, porém, desafiador cientificamente.

---

### Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Metáforas. Controvérsias. Cognição. Teoria da Metáfora Conceptual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metaphor. Controversies. Cognition. Conceptual Metaphor Theory.

---

### Texto integral

---

**GIBBS, R. *METAPHOR WARS: CONCEPTUAL METAPHORS IN HUMAN LIFE*. NY: CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2017. 320 PÁGINAS.**

Raymond Gibbs, professor da Universidade da Califórnia, Santa Cruz, é um dos mais importantes autores no contexto dos estudos sobre metáforas, reconhecido pelos seus trabalhos em Psicologia Cognitiva nos quais explora a plausibilidade psicológica da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), de Lakoff e Johnson (1980). Gibbs não só é conhecido pelos seus experimentos, mas também por estar engajado há anos com a importante tarefa de reconhecer, avaliar e, se possível, refutar as inúmeras críticas direcionadas a mais influente teoria sobre metáforas na linguística e nas ciências cognitivas.

Gibbs é uma figura central na “guerra das metáforas”, expressão que dá título ao seu livro publicado no final de 2017 (e republicado em 2019). Não só por defender a Teoria da Metáfora Conceptual dos ataques vindos de diversos pesquisadores, mas também por levar a sério algumas críticas. O livro **Metaphor Wars** celebra anos de pesquisa sobre metáforas conceptuais. Essas pesquisas foram desenvolvidas no âmbito das mais diferentes áreas, das artes às neurociências. São trabalhos que envolvem análise de corpora, experimentos, estudos multimodais, gestos, entre outros. Todas essas pesquisas apontam para um fato importante: não podemos ignorar a plausibilidade da TMC — ainda que haja aspectos da teoria a serem discutidos e aperfeiçoados.

A TMC é uma teoria que teve origem a partir da constatação de que várias expressões que usamos no dia a dia mantêm um certo padrão semântico. Por exemplo, as expressões “ele *atacou* meu argumento”, “ela *defendeu* seu argumento”, “Ela *bombardeou* meu argumento”, “Essa *estratégia* de argumentação é falha”, compartilham ideias similares, que podem indicar que discussões são entendidas como guerra (DISCUSSÃO É GUERRA). Na língua, há várias indicações de que exploramos conceitos de formas consistentes ao produzir metáforas, formando

centenas de “famílias” ou sistemas de metáforas (ver exemplos no Index of Metaphors<sup>1</sup>).

Lakoff (2008) propõe que esses sistemas de metáforas são constituídos de mapeamentos entre domínios fixos, que ficam ativos inconsciente e automaticamente quando processamos metáforas conceptuais. Desta forma, metáforas conceptuais fazem parte do nosso “inconsciente cognitivo”, que são padrões e tendências que moldam a cognição, permitindo que realizemos tarefas cognitivamente sofisticadas (como processar linguagem e raciocinar). Uma das reivindicações mais importantes da TMC é que as metáforas que usamos no dia a dia não estão mortas e que sistemas de metáforas organizam nossas experiências, sendo assim, as metáforas não são apenas encontradas em linguagem poética e retórica.

Em um breve resumo que visa contextualizar a obra de Gibbs, destacamos o seguinte. A “guerra das metáforas” existe porque há um ceticismo em relação a algumas reivindicações da TMC e porque há diferentes teorias plausíveis sobre as metáforas, i.e. teorias que contam com evidências empíricas (HOLYOAK; STAMENKOVIĆ, 2018).

A TMC é uma teoria ampla, e, possivelmente, apresenta algumas reivindicações que são mais plausíveis do que outras. Por exemplo, a reivindicação de que parte de nossos conceitos sobre tempo é organizada em função de esquemas como “movimento do ego” ou “movimento do tempo” é demonstrado através de experimentos que apontam para um aumento no tempo de processamento quando os falantes têm que mudar de um esquema para o outro para responder a uma pergunta (GENTNER; IMAI; BORODITSKY, 2002). Porém, reivindicar que *todo* nosso conceito de tempo é estruturado metaforicamente, ou que *sempre* recrutamos metáforas conceptuais automática e inconscientemente para processar conceitos leva a desgastes nas disputas sobre o que a cognição é e faz.

Em **Metaphor Wars**, Gibbs defende outro modelo teórico para explicar as evidências em favor da TMC, baseado em sistemas dinâmicos. Gibbs propõe que as metáforas conceptuais são produtos emergentes de múltiplos fatores (biológicos, históricos, culturais, sociais, cognitivos e linguísticos) e interagem com conhecimentos e experiências para criar comportamentos metafóricos que são sensíveis ao contexto e às tarefas desenvolvidas pelos falantes. Além disso, Gibbs admite que

The generality at which implicit metaphors can be identified, and the family of metaphors to which a particular expression belongs, may therefore be indeterminate. Different individuals may interpret the same expression according to different implicit metaphors and derive different entailment. This possibility does not imply that conceptual metaphor theory (CMT) is circular or untestable. Nonetheless, there may not always be singular correspondences between specific verbal metaphors and particular underlying conceptual metaphors” (GIBBS, 2017, p.115).

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.lang.osaka-u.ac.jp/~sugimoto/MasterMetaphorList/metaphors/>, acessado em maio de 2020.

A proposta de Gibbs é que metáforas conceptuais são parte da nossa cognição, mas sua influência sobre o pensamento e a cognição é um processo emergente. Sendo assim, o desafio para os pesquisadores seria criar explicações dinâmicas de como as pessoas usam metáforas em situações reais. Em cada situação de uso de metáforas, há um acoplamento entre padrões cognitivos adquiridos previamente e condições variadas em tempo real que afetam o processamento (i.e. o ambiente, as pessoas e nossas relações com elas, os textos e as informações disponíveis em tempo real, as atividades desempenhadas, etc.). Sendo assim, reduzir o processamento metafórico a um modelo cognitivo fixo, seja lá qual for, pode ser problemático. É por isso que Gibbs vê as metáforas conceptuais como tendências cognitivas, não estruturas fixas que governam nossas falas e pensamentos.

Um importante aspecto da abordagem de Gibbs, baseada em sistemas dinâmicos, é que nenhum aspecto da experiência humana no que se refere à cognição e particularmente ao uso de metáforas está excluído de sua teoria a priori. Isto torna sua abordagem ao mesmo tempo importante e desafiadora. Para além da brilhante recaptulação e articulação de Gibbs sobre anos de pesquisas sobre metáforas conceptuais e considerando seus direcionamentos futuros no escopo de abordagens dinâmicas, ainda é possível discutir quais aspectos da TMC não se mantêm relevantes hoje e como incorporar evidências contraditórias à TMC no entendimento dinâmico das metáforas.

Um dos poucos pontos que considero negativo na obra de Gibbs são suas respostas e críticas a outras abordagens teóricas. Por exemplo, Gibbs critica os comentários de Steven Pinker sobre a TMC, nos quais Pinker afirma que o pensamento não pode ser diretamente metafórico, mas depende de conceitos não metafórico, como o conceito de “causalidade”. Em resposta, o autor (p. 153) afirma que “One rule of thumb that perhaps all language scholars should embrace, in this regard, is to not immediately assume that some meaning or concept is non-metaphorical unless its possible metaphorical foundations have been first empirically investigated”. Gibbs sugere que nosso conceito de causalidade é metafórico (CAUSATION IS A PHYSICAL FORCE), mas essa sugestão é controversa, já que há diversas explicações para o conceito de causa (cf. PUVERMÜLLER, 2018, para uma explicação que leva em conta diversas experiências corporificadas com o fenômeno de “causalidade”).

Em suma, no livro **Metaphor Wars**, Gibbs faz um excelente trabalho de (i) reconhecer as várias críticas lançadas contra a TMC; (ii) refutar algumas delas (apontando para o fato de que não seria prudente descartar todos os sucessos da teoria, inclusive em testes empíricos); (iii) revisar um grande número e variedade de trabalhos sobre a TMC; (iv) e propor direcionamentos futuros em termos de análises baseadas em sistemas dinâmicos. Há ainda que se considerar o valor das demais teorias sobre metáforas e dos demais resultados de pesquisas sobre cognição, para que avancemos os conhecimentos sobre as relações entre metáforas, pensamento, linguagem e, amplamente: cognição.

---

**Referências**

---

GENTNER, Dedre; IMAI, Mutsumi; BORODITSKY, Lera. As time goes by: Evidence for two systems in processing space→ time metaphors. **Language and cognitive processes**, v. 17, n. 5, p. 537-565, 2002.

GIBBS-JR, Raymond W. **Metaphor Wars**. NY: Cambridge University Press, 2017.

HOLYOAK, Keith J.; STAMENKOVIĆ, Dušan. Metaphor comprehension: A critical review of theories and evidence. **Psychological bulletin**, v. 144, n. 6, p. 641, 2018.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago, IL: University of Chicago, 1980.

LAKOFF, George. The neural theory of metaphor. In: GIBBS, Raymond W. (ed). **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**. Cambridge University Press, 2008.

PULVERMÜLLER, Friedemann. The case of CAUSE: neurobiological mechanisms for grounding an abstract concept. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 373, n. 1752, p. 20170129, 2018.

---

**Para citar este artigo**

---

SIMAN, J. H. Metáforas conceptuais: evidências, controvérsias e novos rumos. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 10, n. 1, 2021, p. 569-573.

---

**A Autora**

---

JOSIE HELEN SIMAN é doutoranda em Linguística no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.